

Limite. ISSN: 1888-4067
nº 3, 2009, pp. 45-65

Gramaticografia e lexicografia em Portugal durante o século XVI: do Latim ao Português*

Rogelio Ponce de León Romeo
Centro de Linguística da Universidade do Porto
rromeo@letras.up.pt

Data de aceitação do artigo: 20-03-2009

Resumo

No trabalho é realizada uma síntese histórica e crítica da gramaticografia e da lexicografia publicada em Portugal durante o século XVI, bem como uma actualização bibliográfica sobre a matéria tratada.

Palavras chave: gramaticografia portuguesa, Lexicografia Portuguesa, século XVI

Abstract

This paper provides a critical and historical synthesis of the lexicography and the grammaticography published in Portugal during the sixteenth century, and it includes an updated bibliography.

Keywords: Portuguese Grammaticography, Portuguese Lexicography, Sixteenth Century

*Ao Professor Telmo Verdelho,
a quem muito devem os estudos
de historiografia linguística portuguesa*

* Uma primeira versão, muito reduzida, do artigo foi apresentada ao Colóquio *Livros impressos e leituras em Portugal no séc. XVI. Colóquio Internacional*, celebrado na Biblioteca Pública Municipal do Porto, de 5 a 6 de Maio de 2006. O presente trabalho foi realizado no âmbito do projecto de investigação do Centro de Linguística da Universidade do Porto *Hipogram: History of the Portuguese language and the Portuguese grammatical tradition*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal); referência POCTI/0022/2003.

1. Considerações iniciais

O surgimento dos *Studia humanitatis*, fundamentado em parte na rejeição da mentalidade medieval, teve decisivas implicações, como é bem conhecido, na restauração da cultura clássica, por meio da recuperação do cânone de autores latinos. Neste sentido, também o ensino do Latim, a língua que será veículo privilegiado da transmissão dos saberes ao longo do *Renascimento*, é afectado por esta transformação cultural, porquanto a mentalidade humanista pretende, em palavras de Rómulo de Carvalho, «saber bem Latim e Grego falado, expressar-se nessas línguas com desenvoltura, correcção e elegância» (Carvalho 1986: 124); tal fenómeno cultural implicará inevitavelmente a redacção de manuais para o ensino da língua do Lácio: Artes gramaticais e materiais lexicográficos. Quanto a estes últimos, T. Verdelho sublinha que «procuram enquadrar-se coerentemente, entre um conjunto de factores resultantes da renovação escolar humanista, da modificação do pensamento e do horizonte linguístico, do progresso técnico e da comercialização da escola» (Verdelho 1995: 220)¹.

No plano da teoria gramatical, a recuperação do *usus latinus* implica uma recusa dos esquemas teóricos medievais, nomeadamente da *grammatica speculativa* ou dos *modi significandi*, centrada no estudo da teoria subjacente às construções gramaticais; no entanto, se atentarmos nas palavras de W. Keith Percival, o desenvolvimento da gramática renascentista deve inevitavelmente relacionar-se com uma das tradições escolares medievais europeias: «Renaissance grammar, the variety of Latin used by the humanist-educators, was a linear continuation of the medieval grammatical subtradition current in Italy and southern France in the second half of the fourteenth century» (Percival 1994: 249)². Contudo, os primeiros gramáticos humanistas

¹ Ao longo do presente estudo, citaremos com alguma frequência este trabalho indispensável para a história da gramaticografia e da lexicografia em Portugal.

² O artigo referido pode também ser consultado em W.K. Percival, *Studies in Renaissance Grammar*, Hampshire/Burlington: Ashgate, 2004, XI, pp. 247-257). O mesmo fenómeno é observado por Telmo Verdelho para a lexicografia renascentista: «A acentuada diferença que separa os dicionários renascentistas dos vocabulários medievais não significa uma total ruptura nem uma quebra de continuidade no processo da génese e da tradição lexicográfica. Antes de qualquer outra observação, será mesmo importante deixar bem claro este pressuposto irrecusável da continuidade entre os dois períodos, muito especialmente no que respeita aos artifícios elementares

reagem publicamente contra quaisquer vestígios de teoria medieval; é o caso, na Península Ibérica, de Antonio de Nebrija que ataca, no prólogo da sua gramática – intitulada *Introductiones latinae* (Salamanca 1481) –, não só os gramáticos medievais como também os gramáticos habitualmente chamados *de transição* como João de Pastrana (cf. Gil Fernández 1997: 49); no reino de Portugal, é Estêvão Cavaleiro, autor da *Nova grammatices Marie Matris Dei Virginis ars* (Lisboa 1516), quem, na esteira do humanista andaluz³, assume a tarefa de debelador da barbárie (Ramalho 1977-78: 55). Coerentemente, a fundamentação epistemológica e pedagógica dos manuais portugueses para o ensino do Latim editados até 1572 – data da primeira edição da gramática do jesuíta Manuel Álvares, intitulada *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa 1572) – é fruto da transformação a que se acaba de aludir; todos eles conformam o que se tem vindo a denominar gramaticografia latino-portuguesa. A boa parte destas Artes subjaz também um aspecto que condiciona fortemente a redacção delas; refiro-me à influência nas Artes latino-portuguesas – e, de resto, nos manuais latino-hispânicos – da acima mencionada gramática latina de Antonio de Nebrija, a qual teve uma recepção considerável no Reino de Portugal (cf. Verdelho 1995: 101)⁴, bem como de outras gramáticas europeias, como os *Commentarii grammatici* (Paris 1509-1519) de João Despautério. Os autores portugueses tomam-nas como referência – embora não a única – para a redacção das suas Artes, mas, por outro lado, certos gramáticos que publicam os seus manuais em Portugal, segundo terem ocasião de ver, reagem muito criticamente contra estas Artes, nomeadamente a do Nebrissense. Na verdade, a crítica aos preceitos gramaticais de Nebrija torna-se um tópico nas Artes publicadas nos reinos ibéricos durante a época de Quinhentos.

No que se refere à influência de autores estrangeiros na lexicografia portuguesa de Quinhentos, T. Verdelho evidenciou a

da técnica dicionarística. Desde a Idade Média, estavam criados e experimentados os mecanismos de alfabetização e de classificação gramatical» (Verdelho 1995: 219).

³ «Lo primero que llama la atención es que Cavaleiro arremete contra la barbarie medieval en Hispania, es decir, en toda la península [...]. Esto es lo mismo que hace Nebrija; parece Cavaleiro estar asumiendo el programa de Nebrija en lo que a oposición a Pastrana se refiere» (Sánchez Salor 2002: 195).

⁴ A influência das obras gramaticais de Antonio de Nebrija pode ser detectada não só na gramaticografia latino-portuguesa, mas também nas Artes que descrevem o Português (cf. Ponce de León 2006: 149-152).

peugada do *Lexicon* (Salamanca 1492) de Antonio de Nebrija no *Dictionarium* de Jerónimo Cardoso⁵, bem como a do *Dictionarium latinae linguae* (Reggio 1502) de Ambrósio Calepino, também sobre a obra lexicográfica do humanista português⁶; mais difícil, de acordo com as conclusões de T. Verdelho, será detectar a influência do *Dictionarium seu linguae latinae thesaurus* (Paris 1531) de Robert Estienne sobre os dicionários de Jerónimo Cardoso⁷.

2. Em torno da gramaticografia portuguesa quinhentista

A Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP) conserva uma valiosa amostra da gramaticografia que se publicou em Portugal no período denominado por T. Verdelho *vernáculo*, que se inicia com o aparecimento editorial das *Institutiones tum lucide, tum compendiose, latinarum literarum* (Coimbra 1535) de Máximo de Sousa e conclui com a *editio princeps* dos *De institutione grammatica libri tres* do P^e Manuel Álvares (Verdelho 1995: 98-102); abrange, como pode observar-se, *grosso modo* o segundo terço do século XVI e é caracterizado por dois fenómenos decisivos de índole linguística e pedagógica: a) a saída dos prelos das primeiras descrições gramaticais do Português; a saber, a *Grammatica da lingoagem portuguesa* (Lisboa 1536) de Fernão de Oliveira e a *Grammatica da lingua portuguesa* (Lisboa 1540) de João de Barros; b) no caso da relativamente abundante produção de Artes latino-portuguesas⁸, é mister salientar a importância da inter-relação do Latim, como objecto de

⁵ Cf. Verdelho: «O *Lexicon* de Nebrija (1492) [...] é essencialmente um manual escolar que antecipa quase todas as características que configuram os modernos dicionários escolares de línguas estrangeiras [...]. Será predominantemente este o modelo que servirá de referência à obra de Jerónimo Cardoso» (1995: 317-318).

⁶ Cf. Verdelho (1995: 344-345), onde o autor apresenta em confronto exemplos de Nebrija, Calepino e Cardoso, deduzindo o uso pelo humanista português das referidas fontes, «sobretudo em certos aspectos da técnica dicionarística que distinguem a obra de Cardoso em relação ao texto de Nebrija» (1995: 344) e concluindo que tais exemplos «sugerem convincentemente uma interacção entre as duas obras [a do Calepino e a do Cardoso]. Com grande margem de certeza podemos citar o Calepino como fonte directa da primeira lexicografia portuguesa» (1995: 345).

⁷ Cf. Verdelho (1995: 348): «Na lexicografia portuguesa, entre as obras publicadas, não conhecemos trabalho que se possa comparar, ou que tenha sequer sido inspirado por este tipo de dicionário».

⁸ Verdelho conta, entre 1535 e 1572, 23 edições portuguesas, da autoria de gramáticos pátrios ou estrangeiros, de textos metagramaticais cujo objectivo é o estudo da língua do Lácio (1995: 98-99).

aprendizagem, e do Português, como recurso pedagógico que possibilita, no confronto com o primeiro, o acesso às letras latinas. Esta última questão implica, como T. Verdelho ressaltou a propósito da gramática alvaresiana, «a implícita escolarização do Português» (1995: 110) – a observação, não obstante, poderia perfeitamente abranger outros manuais latino-portugueses –, com decisivas repercussões, ainda, na reflexão metalinguística sobre o Português, bem mais evidentes, no que se refere a certos factos de língua, que aquela que subjaz às Artes gramaticais que descrevem de forma exclusiva a língua portuguesa⁹.

Por outro lado, estes manuais fornecem-nos uma valiosa informação sobre a evolução do pensamento gramatical e pedagógico em terras portuguesas. Pese embora a escassez de materiais metagramaticais do Português durante o século XVI – o que constitui um facto evidente, se os compararmos com os que descrevem, por exemplo, o Castelhanos¹⁰ –, há consenso entre os investigadores no facto de pôr em relevo a modernidade e, conseqüentemente, a importância – no quadro da codificação gramatical das línguas românicas –, da *Grammatica da linguagem portuguesa* de Oliveira, nomeadamente no que diz respeito a questões relativas à fonética e à lexicologia¹¹, fugindo – devido, entre outros aspectos, à desequilibrada distribuição da matéria gramatical – aos esquemas estruturadores pelos que se regiam as Artes latinas renascentistas, ao ponto de M. L. Carvalhão Buescu negar à obra de Oliveira o estatuto de gramática: «a sua obra – afirma a referida autora – apresenta [...], uma indisciplina de plano, uma ocasionalidade de reflexões, que lhe retiram a feição de uma gramática no sentido exacto do termo» (Buescu 1984: 18). Ilustração *a sensu contrario* será a gramática

⁹ Uma ilustração de tal poderá ser encontrada nos comentários que os gramáticos humanistas que redigem Artes latinas formulam acerca do infinitivo flexionado (Ponce de León 2004: 53-63). O fenómeno da reflexão metalinguística sobre o Português em manuais cujo objectivo não é propriamente o ensino desta língua também pode ser verificado nos séculos XVII e XVIII; de novo, a descrição que se faz do *infinitus lusitanus* nas gramáticas latinas setecentistas é um bom exemplo (Ponce de León 2006: 185-191).

¹⁰ As gramáticas quinhentistas do Castelhanos foram estudadas com extremo rigor por Antonio Ramajo Caño (1987). Também sobre a gramaticografia do Castelhanos de Quinhentos parece-nos fundamental o estudo de Marina Maquieira Rodríguez (1989).

¹¹ Cf. Coseriu (2000: 33-34, 45). Sobre a gramática de Fernão de Oliveira, cf. Buescu, (1984: 7-22); Assunção (1997: 43-61); Torres (1998: 73-81); Assunção & Torres (2000: 5-26).

portuguesa de João de Barros, porquanto, seguindo Nebrija¹², toma como referência o modelo latino para o labor gramatical (Schäfer-Priess 2000: 10)¹³.

Seja como for, em nossa opinião, a evolução da reflexão linguística e pedagógica no Portugal do século XVI dá-se em grande medida nas Artes gramaticais latinas, em cujos recursos metodológicos, pelo menos no que diz respeito aos primeiros manuais do período vernáculo, podemos ainda observar vestígios da gramática medieval; é o caso do uso do método erotemático nas *Institutiones* de Máximo de Sousa¹⁴, de resto também utilizado por outros humanistas, como Antonio de Nebrija¹⁵.

Parece claro, por outro lado, que as *Introductiones latinae* nebrissenses se tomaram como referência, por assim dizer, crítica para a redacção de certos manuais escolares. Tal, com efeito, pode ser observado nas *Institutiones grammaticae latinae* (Braga 1538) de Nicolau Clenardo¹⁶ – um de cujos exemplares da segunda edição (Coimbra 1546) é conservado na BPMP¹⁷ –, às quais subjazem as primeiras críticas, em Portugal, aos pressupostos gramaticais e

¹² Carvalhão Buescu sublinha, não obstante, as diferenças entre a gramática castelhana do Nebrissense e a de Barros (1984: 87-95). No nosso entender, as semelhanças são bem mais evidentes do que as eventuais diferenças (cf. Ponce de León 2006: 151-152).

¹³ Como a obra de T. Verdelho, amplamente citada no nosso estudo, o referido trabalho de B. Schäfer-Priess constitui, em nossa opinião, uma obra essencial para o cabal conhecimento da teoria gramatical no Portugal do século XVI a XIX.

¹⁴ Cf. Verdelho (1995: 104): «A estruturação do livrinho tem por base o método do diálogo, largamente experimentado na tradição medieval para a iniciação e aprendizagem do latim, técnica predominantemente oral, impossibilitando a utilização de tabuadas com os esquemas gerais das declinações, e anulando o recurso à memória visual, já então facilitada pelo texto impresso». Seja como for, Máximo de Sousa justifica, no prefácio, o emprego deste recurso metodológico: «Verum quoniam ego semper animaduerti dialogorum stilum pene omnibus esse grauiorem, dignum duxi ut ea quae hac in re cum praenominato tyrone ac fratre nostro [...] docendi gratia enucleauimus, ipso interrogante me uero respondente luce clarius inotescant, ut praeceptis uestris satisfaciam» (Sousa 1535, ff. lv^o-lir^o). Não vamos deter-nos em questões de pormenor sobre a teoria gramatical, tarefa que foi abordada noutro sítio (Ponce de León 2005: LXXIV-LXXVI).

¹⁵ Cf. Esparza: «La fortuna de este método [o do diálogo como recurso pedagógico] no se restringe tampoco a la Edad Media: el *Libro III* de las *Introductiones latinae*, en cualquiera de sus redacciones, sigue las pautas de una gramática erotemática» (2000: 192).

¹⁶ Sobre a gramática latina do autor flamengo, cf. Swiggers (2001: 147-168.)

¹⁷ Cota RES-XVI-a-0459[1].

pedagógicos defendidos por Nebrija (Verdelho 1995: 101). Provavelmente por esta razão o humanista de Brabante prefira, no plano teórico, seguir as propostas do seu conterrâneo João Despautério, autor, como já foi referido, dos *Commentarii grammatici* (cf. Colombat 1999: 36), que tiveram, em forma de adaptação, uma considerável difusão no terceiro quartel do século XVI português¹⁸. Numa perspectiva pedagógica, no manual de Clenardo predomina uma redução dos preceitos – apresentados de modo mais esquemático que noutras Artes gramaticais – e dos comentários gramaticais, aspecto que se torna mais relevante se o compararmos com os extensos e obscuros escólios que acompanhavam as regras gramaticais da última versão, conhecida como *Recognitio* (Sánchez Salor 2002: 119-120), das *Introductiones latinae* nebrissenses, difundida ao longo do século XVI. Devedores das *Institutiones* de Nicolau Clenardo, como sublinhou T. Verdelho (1995: 117) – e também, em nossa opinião (Ponce de León 2005: LXXXV), dos *Commentarii grammatici* de João Despautério –, são os *Grammatices duo compendia* (Coimbra 1557) de Fernando Soares Homem. Nas palavras de T. Verdelho, «trata-se de uma obra didáctica de concepção e de textura bastante originais em toda a gramaticografia portuguesa, e que, ao mesmo tempo, sintetiza, com grande proveito e de modo sistemático, a formulação gramatical dos autores renascentistas que o precederam» (1995: 117). Para além destes aspectos pedagógicos, convém também ressaltar, no plano da teoria gramatical, a modernidade do manual de Soares Homem, porquanto inclui na descrição sintáctica os esquemas de construção que não obedecem às regras gramaticais (*ib.* 119); neste sentido poderão ser detectados indícios da influência de um dos manuais mais importantes da primeira metade do século XVI; referimo-nos aos *De emendata*

¹⁸ A referida adaptação tem por título *Carmina Ioannis Despauterii de arte grammatica. Cum quibusdam aliis ad puerorum institutionem necessariis* (Coimbra 1555; Braga 1561; Braga 1563; Coimbra? 1570) – cf. Ponce de León (2002: 232-233). Seja como for, Clenardo ou Despautério não foram apenas os únicos autores estrangeiros a verem editadas em Portugal as suas obras ou refundições delas: afora as *Introductiones latinae* nebrissenses – que foram editadas em Lisboa, em duas ocasiões, 1552 e 1554 –, o humanista galego Álvaro de Cadaval, publicou em Lisboa, 1565, a sua *In librum quartum Antonii Nebrissensis de constructione decem partium orationis lucidissima explanatio*, comentário ao livro sintáctico que introduz, segundo os nossos dados, pela primeira vez na gramaticografia latino-portuguesa, traços da teoria racionalista de Francisco Sánchez de las Brozas (cf. Ponce de León 2006: 1257-1269).

structura latini sermonis libri sex (Londres 1524) do britânico Tomás Linacro. Com esta obra, «las figuras de construcción [...] entran a formar parte plenamente de la gramática» (Harto Trujillo 1998: 41)¹⁹.

Podemos verificar também estes traços pedagógicos – isto é, clareza expositiva e redução da matéria gramatical –, num manual que gozou de uma maior difusão editorial do que as Artes aludidas; referimo-nos às *Grammaticae introductiones breuiiores et lucidiores*²⁰ (Lisboa 1552) de Jerónimo Cardoso. Logo no título podemos adivinhar a dívida que o autor – antigo aluno da Universidade de Salamanca (Verdelho 1995: 117) – tem com a gramática de Nebrija, mas o título fornece-nos também uma prova clara da distância que mantém o humanista português com o andaluz: sem dúvida as *Introductiones* ou *Institutiones* de Cardoso eram mais breves (*breuiiores*) e mais claras (*lucidiores*) do que as Artes publicadas até essa data; sobretudo, mais do que as *Introductiones Latinae* nebrissenses. Seja como for, não obstante a crítica – absolutamente justificada – formulada por Cardoso ao manual do humanista espanhol, que qualifica de «ambagiosa carmina» e «numerosa uolumina» (Verdelho 1995: 101), o humanista português segue numerosos aspectos da gramática latina de Nebrija: a estruturação, grande parte das propostas gramaticais e até a transposição para Português da versão espanhola dos paradigmas da conjugação verbal (cf. Ponce de León 2005: LXXXIII-LXXXIV). Por conseguinte, a pegada do humanista espanhol, embora muito criticado, é bem visível na gramática de Jerónimo Cardoso²¹.

¹⁹ A introdução, contudo, da *constructio figurata* no âmbito da sintaxe não aparece em Portugal pela primeira vez com os *Grammatices duo compendia*: em Coimbra, 1555, já tinha sido publicada uma breve sintaxe, intitulada *De constructione octo partium orationis*, que servia de complemento à refundição que se fez da gramática de Despautério, e na qual aparecem a construção figurada plenamente integrada na matéria sintáctica (cf. Ponce de León 2002: 211-253).

²⁰ O título completo é o seguinte: *Grammaticae introductiones breuiiores et lucidiores quam ante hac aliae in lucem editae sunt ad clarissimum puerum D. Ioannem Menesium praestantissimi uiri D. Alfonsi Menesii Vasconselii filium comitisque Penelae nepotem*. Há um exemplar guardado na Biblioteca Pública Municipal do Porto (cota X1-3-43).

²¹ Até este momento abordámos apenas os manuais que descrevem e desenvolvem todos os conteúdos habitualmente explicados nos diferentes níveis de ensino do Latim; seja como for, em Portugal foram publicados também tratados que se centravam de forma exclusiva num nível; já nos ocupámos antes da *Explanatio* sintáctica do galego Álvaro de Cadaval e do anónimo *De constructione octo partium orationis*; quanto aos conteúdos designados comumente como *rudimenta*, João de Barros compôs uns *Grammatices rudimenta* que não chegaram a ser editados em vida do autor (cf. Buescu

Parece haver consenso entre os investigadores no facto de a gramaticografia latino-portuguesa quinhentista culminar com a edição dos *De institutione grammatica libri tres* do P^e Manuel Álvares²², obra prescrita não só nas escolas portuguesas da Companhia de Jesus, como também, por via da *Ratio studiorum* de 1599, na maioria dos centros escolares da Instituição inaciana espalhados pelos quatro continentes, até ao século XX. A BPMP conserva exemplares das edições mais importantes da Arte alvaresiana no Portugal quinhentista: da edição príncipe (Lisboa 1572)²³, que nos apresenta uma obra até então, em nossa opinião, única no panorama português gramaticográfico, no atinente às propostas pedagógicas, pela quantidade e pela qualidade dos comentários (Ponce de León 2005: XXX-LVIII) e que acolhe – embora parcialmente –, no plano teórico, as tendências linguísticas mais modernas, no quadro da denominada gramática do *usus* – a saber, aquela cujo objectivo era o ensino da língua latina segundo o bom uso dos autores clássicos –, como é o caso da integração da construção figurada no plano da sintaxe²⁴. O

(1972: 93-140); Verdelho (1995: 105-108); Fernandes (2005: 131-136); Fernandes 2006: 561-576); sobre esta primeira fase de ensino centra-se também o interessantíssimo *De uerborum coniugatione commentarius* (Lisboa 1540) de André de Resende (cf. Verdelho 1995: 108-114; Ponce de León 2005: LXXVI-LXXXI).

²² É atribuído ao jesuíta o opúsculo sintáctico, já referido anteriormente (cf. *supra*, n^{as} 33, 38), intitulado *De constructione octo partium orationis* (cf. Verdelho 1995: 121; Ponce de León 2002: 224-228).

²³ Cota RES-XVI-A-0158.

²⁴ Por esta e por outras razões, certos investigadores parecem ter aproximado a concepção sintáctica alvaresiana de posições mais racionalistas (cf. Mañas 1999: 248): «dada la consideración de que la oración es el objeto de la sintaxis y la diferenciación entre la construcción justa y figurada, con la implícita distinción en el análisis lingüístico entre un nivel de lengua y un nivel de habla o entre un nivel semántico y otro sintáctico, hemos de hablar de una gramática teórica y general»; cf. Gómez Gómez (2003: XXXIX): «Es esta [a distinção entre *constructio iusta* e *figurata*] –a nuestro entender– la más importante de las concesiones que Álvares hace a la gramática racional, ya que supone una distinción evidente entre nivel de sistema y nivel de realización»; cf. Sánchez Salor (2002: 436): «el padre Álvarez ofrece ya, en lo que a la sintaxis se refiere, ingredientes propios de las Gramáticas racionales. Así, distingue, como hacía Linacro, dos tipos de construcciones: la intransitiva y la transitiva [...]. En cada una de ellas distingue, a su vez, como también Linacro, entre *constructio iusta* y *constructio figurata*, siendo la *iusta* aquella que representa el esquema racional y completo de la oración [...], y la *figurata* aquella que representa la realización concreta de la oración, realización en la que puede faltar alguno de aquellos elementos del esquema racional [...]». Sobre a concepção teórica do jesuíta, no quadro das *Limite*, vol. 3, 45-65

segundo exemplar corresponde à revisão ao cuidado do jesuíta António Velez (Évora 1599)²⁵, edição ampliada em relação às que foram publicadas em vida do autor, erudita, mas pouco apropriada às capacidades dos alunos – e provavelmente também às dos docentes –, aspecto este que teve decisivas repercussões na produção gramaticográfica posterior: por um lado, mal se iniciou o século XVII, houve diversas tentativas – não muito bem sucedidas – de divulgação de manuais mais acordes com as capacidades dos alunos e com tendências teóricas – a saber, a gramática racionalista – opostas àquelas que subjazem à *recognitio* de António Velez; constituem bons exemplos a *Arte de grammatica, pera em breve saber latim, composta em linguagem e verso portugues* (Lisboa 1610) de Pedro Sanches de Paredes²⁶ e a *Verdadeira grammatica latina para se bem saber em breve tempo* (Lisboa 1615) de Amaro de Roboredo²⁷; a reforma ao cuidado do P.^e António Velez desencadeou também o aparecimento editorial, durante o século XVII e a primeira metade do XVIII, de um muito considerável número de comentários redigidos por docentes jesuítas de gramática que explicavam e vertiam para Português a Arte alvaresiana (cf. Ponce de León 2001: 317-338); pode detectar-se, enfim, uma clara influência da *editio vellesiana* sobre certas obras que descrevem o vernáculo; referimo-nos ao capítulo gramatical contido na *Ortografia da lingua portugueza* (Lisboa 1671) de João Franco Barreto (cf. Ponce de León 2006: 47-63) e à *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda* (Lião 1672) do também jesuíta Bento Pereira (cf. Ponce de León 2006: 11-30). Esta última edição será a utilizada nas escolas portuguesas da Companhia durante o século XVII e a primeira metade do século XVIII, até 1759, ano da expulsão dos jesuítas e da proibição, em Alvará régio, da impressão e da utilização da gramática do P.^e Manuel Álvares.

gramáticas do *usus* e das *rationes*, pode também ser consultado o estudo pioneiro de Torres (1998).

²⁵ O título completo é o seguinte: *Emmanuelis Aluari e Societate Iesu de institutione grammatica libri tres Antonii Vellesi ex eadem Societate Iesu, in Eborensi Academia Praefecti studiorum, opera aucti et illustrati* (cota na BPMP: RES-XVI-A-0159).

²⁶ Sobre esta obra, cf. Fernandes (2002: 481-495) e (2005: 137-145); Ponce de León (2002: 491-520) e (2006: 61-99).

²⁷ Sobre a *Verdadeira grammatica* de Roboredo, cf. Ponce de León (2008: 239-265) e (2009: 135-148).

Já foi referido mais acima que a produção de textos metagramaticais para o ensino do Latim contribuiu não apenas para a, nas palavras de T. Verdelho, «implícita escolarização do português», como também para a reflexão gramatical sobre o vernáculo; além disso, os esquemas teóricos da gramática latina impulsaram a descrição e a codificação gramatical das línguas romances, estabelecendo uma relação de dependência doutrinal entre as Artes romances e as latinas, embora haja casos excepcionais de profunda tensão entre a teoria gramatical latina e a matéria que desenvolvem os tratados gramaticais romances – já nos referimos antes ao distanciamento, em relação ao modelo latino, da *Grammatica da linguagem portuguesa* (Lisboa 1536) de Fernão de Oliveira, ao passo que exemplo *a sensu contrario* é a *Gramática da língua portuguesa* (Lisboa 1540) de João de Barros, devedora das gramáticas de Nebrija. Sejam quais forem as motivações dos gramáticos que descrevem a língua portuguesa, pode afirmar-se que a sua preocupação fundamental foi a codificação e a fixação da língua portuguesa, face à preeminência do Latim e, particularmente, face à difusão do Castelhana²⁸. Neste quadro, a descrição ortográfica ganha, por consequência, uma grande importância; segundo M^a L. Carvalhão Buescu,

o problema ortográfico, mais do que qualquer outro, concentrava a atenção dos «protogramáticos» do Renascimento, já por não poderem socorrer-se do apoio autorizado dos Antigos, já porque se impunha cada vez com mais urgência uma uniformização da representação escrita (1984: 152-153).

Neste contexto, devem incluir-se as *Regras que ensinam a escrever e orthographia da lingua portuguesa* (Lisboa 1574)²⁹ de Pêro de Magalhães Gândavo e a *Orthographia da Lingoa portuguesa* (Lisboa 1576)³⁰ de Duarte Nunes de Leão, da qual se conservam dois exemplares na BPMP³¹. Duarte Nunes de Leão, como aliás Pêro de Magalhães Gândavo³², perante outros autores mais inovadores – como

²⁸ Sobre esta questão, cf. Buescu (1983: 217-236).

²⁹ Sobre esta obra, cf. Kemmler (2001: 169-175); Gonçalves (2003: 809-817).

³⁰ Sobre esta obra, cf. Kemmler (2001: 175-187); Gonçalves (2003: 817-843).

³¹ Cotas RES-XVI-A0162 e RES-XVI-A-0189[3].

³² «Gândavo se preocupou em analisar e representar graficamente a etimologia de uma palavra. Esta preocupação vem junto com o intento de respeitar, tão fielmente quanto possível, a pronúncia correcta da qual ele só se desvia quando tal é justificado pela *Limite*, vol. 3, 45-65

Fernão de Oliveira ou João de Barros – trata de dotar o Português de uma orientação etimologizante, por forma a aproximá-la do Latim, tal como foi posto em relevo por M.^a F. Gonçalves:

Não obstante os objectivos programáticos de qualquer obra metaortográfica, Duarte Nunes de Leão lança entre nós as bases teóricas de uma corrente ortográfica de recorte essencialmente diacrónico, perspectiva que é consolidada na *Origem da Lingoa Portugueza* (1606), contrastando com a perspectiva sincrónica privilegiada da fonética vernácula como condição prévia para a definição das bases do sistema gráfico (2003: 842-843).

Parece, consequentemente, que o Latim condiciona de novo, numa inevitável inter-relação, a descrição e a fixação do Português.

3. Sobre a lexicografia portuguesa quinhentista

Por outro lado, afora as Artes gramaticais, são instrumentos essenciais, para a compreensão dos textos latinos e para a aprendizagem da língua do Lácio, os materiais lexicográficos; assim o afirma T. Verdelho, para o qual, no Renascimento, «os manuais do léxico passaram definitivamente a fazer parte integrante do processo de escolarização do latim, e ao mesmo tempo, serviram de ponte de passagem e lugar de interacção para o confronto entre o latim e os vernáculos europeus» (Verdelho: 1995: 217). Neste âmbito, a BPMP conserva exemplares dos materiais lexicográficos mais importantes publicados em Portugal durante o século XVI; refiro-me, em primeiro lugar, às obras lexicográficas de Jerónimo Cardoso: o *Dictionarium iuuentuti studiosae admodum frugiferum* (Coimbra 1551)³³ e o *Dictionarium latino lusitanicum et vice versa lusitanico latinum* (Lisboa 1570)³⁴. Com efeito, com os dicionários de Jerónimo Cardoso assistimos ao surgimento da lexicografia bilingue do Latim e do Português, elaborada e fundamentada, tal como foi referido anteriormente, a partir dos dicionários de maior difusão na Europa: o

etimologia ou pelo uso. Podemos, assim, marcar com o opúsculo de Gandavo o começo da inclusão expressa de ideias etimológicas e etimologizantes no texto metaortográfico português» (Kemmler 2001: 175).

³³ É conservado na BPMP um exemplar da edição conimbricense de 1587, cota X1-3-44.

³⁴ Cota RES-XVI-A-0160. É guardado também na BPMP um exemplar da edição de 1592 (cota RES-XVI-A-0161).

Lexicon de Nebrija, o *Dictionarium linguae latinae* de Calepino e – em menor medida – o *Dictionarium seu linguae latinae thesaurus* de Robert Estienne. Nas palavras de T. Verdelho,

os seus dicionários [os de Jerónimo Cardoso] enquadram-se, como grande adequação, no panorama lexicográfico transnacional, assiduamente experimentado entre nós, e, ao mesmo tempo, oferecem-nos, oportunidade histórica, a primeira alfabetização geral e sistemática do “corpus” lexical português (1995: 482).

As edições do *Dictionarium latino lusitanicum* acolheram ainda outras obras lexicográficas de índole parcelar, como o *Dictionarium aliud: de propriis nominibus celebriorum virorum, regionum, locorum, insularum, urbium, oppidorum, montium, fluuiorum, et fontium: nec non aliorum complurium scitu dignorum nominum ac rerum* (Coimbra 1569) de Sebastião Stokammer, revisor das edições – postumas – do dicionário de Cardoso (Cf. Verdelho 1995: 431-435), ou o *Breue dictionarium uocum ecclesiasticorum*, tratado metalexiconográfico que aparece na primeira edição do *Dictionarium latino lusitanicum* de Cardoso.

O catálogo de edições quinhentistas da BPMP regista um exemplar de um tratado metalexiconográfico bilingue, não do Latim e do Português, mas do Latim e do Espanhol; trata-se do *Lexicon ecclesiasticum latinohispanicum* (Salamanca 1566) de Diogo Jiménez Arias (cf. Verdelho 1995: 435-450), autor que leva a cabo uma leitura mais do que atenta do *Vocabularium ecclesiasticum* (Sevilha 1499) de Rodrigo Fernández de Santaella, tal como demonstrou A. M. Medina Guerra³⁵. Telmo Verdelho, muito acertadamente, integra-o na história da lexicografia portuguesa, sublinhando a importância deste manual nas escolas portuguesas:

foi um texto assiduamente divulgado em Portugal, e aqui integralmente impresso, por duas vezes. Não pode menosprezar-se o significado linguístico e cultural deste caso único na história

³⁵ «El análisis de las macroestructuras y microestructuras de ambos diccionarios demuestra con claridad que la obra de Diego Jiménez Arias tiene como base incuestionable el *Vocabularium ecclesiasticum* de Rodrigo Fernández de Santaella, al que sigue fielmente en la concepción de su diccionario, aunque mejorándolo considerablemente. Pero Jiménez Arias no sólo tiene muy presente el *Vocabularium ecclesiasticum*, sino que debió trabajar con él delante [...]» (Medina Guerra 1998: 25).

da nossa lexicografia (quanto julgamos saber, nenhum outro dicionário foi assim integralmente retomado pela imprensa portuguesa) (1995: 435).

A primeira edição portuguesa do *Lexicon ecclesiasticum* foi dada ao prelo em Braga, em 1569³⁶, com uma segunda edição em Lisboa, 1588 (cf. Medina Guerra 1998: 33). Pese embora se tratar de um dicionário de vozes especializadas do domínio eclesiástico, o tratado de Diogo Jiménez Arias transcende os objectivos característicos deste tipo de materiais metalexigráficos especializados, na medida em que, segundo as palavras de Telmo Verdelho, «fica-se com a convicção de que o autor quis substituir completamente os dicionários escolares de latim e oferecer a suficiente ciência linguística para uma escolarização ideologicamente orientada» (1995: 268).

Os textos metalexigráficos portugueses contam, no ocaso do século XVI, com um tratado que se divulgou de uma forma bem mais alargada do que as obras que acabámos de abordar; referimo-nos ao *Index totius artis* (Évora 1599) do já mencionado António Velez³⁷, léxico que foi publicado no fim da *recognitio* dos *De institutione grammatica libri tres* ao cuidado do P^e Velez; dele foram divulgadas duas versões, consoante acompanhavam a edição completa da gramática alvaresiana ou a que era publicada *sine explicationibus*. De acordo com as palavras de T. Verdelho:

O índice da Arte maior é constituído exclusivamente pela lista de palavras latinas com indicação da ocorrência no corpo da Gramática, mas sem as equivalências do português. Ocupa cinquenta páginas densamente preenchidas a três colunas, e recolhe assim, mais de 5500 entradas [...].

O mesmo *Index totius artis*, simplificado de análises classificativas [...], mas acrescentado com as formas equivalentes em português, foi publicado na “Arte Menor”, pela mesma altura, ou pelo menos a partir de 1608. Em qualquer caso, a sua redacção deve datar também do final do século XVI (1995: 458-459).

Pese embora não se divulgar de forma autónoma, o léxico de António Velez não só possui interesse em termos pedagógicos para o

³⁶ BPMP, cota Y1-1-37.

³⁷ Cf. Verdelho (1995: 458-464); Iken (2002: 53-83).

investigador – na medida em que «deve ter constituído um proveitoso dicionário escolar» (Verdelho 1995: 458) –, mas também no plano exclusivamente lexicográfico, tal como afirma este autor: «este texto é já lexicograficamente construído, segundo os modelos dos dicionários latinos mais evoluídos, como o *Thesaurus* de Robert Estienne, sintetizando, no entanto, a informação e adequando-a às necessidades escolares» (1995: 460)³⁸. O *Index* de Velez, merece, enfim, ser tido em conta pela sua extraordinária difusão até 1759, ano da expulsão dos jesuítas de Portugal³⁹.

4. Considerações finais

De de tudo o que foi referido até ao momento, julgamos que se pode coligir o papel fundamental que desempenharam os tratados gramaticais e lexicográficos latinos publicados em Portugal durante o século XVI, quer na escolarização da língua portuguesa – na medida em que não havia uma cadeira que a ensinasse; quer na sua codificação gramatical –, num processo mais complexo do que aquele que aparentemente poderíamos esperar, porquanto, por via das Artes latino-portuguesas cuja fonte era constituída principalmente pelas *Introductiones latinae* nebrissenses, se incorporam estruturas castelhanas alheias ao uso português, com importantes consequências no discurso metagramatical em terras portuguesas durante os séculos XVI e XVII (Ponce de León 2006: 149-157) –; quer, finalmente, na redacção das gramáticas e das ortografias que descrevem o Português. Por conseguinte, todos estes materiais nos parecem constituir uma fonte preciosa para o estudo do pensamento gramatical e pedagógico – e para a cultura – no Portugal do século XVI.

Bibliografia

Assunção (1997): Carlos Assunção, “Das gramáticas Latinas à Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira,

³⁸ A respeito destas questões, veja-se também S. Iken (2002: 57-58).

³⁹ «A partir desse momento o pequeno lexicon de Velez abandonou definitivamente o trânsito escolar, juntamente com o compêndio gramatical de Manuel Álvares, e apagou-se da nossa memória lexicográfica, quase completamente, e com alguma injustiça histórica» (Verdelho 1995: 464).

- Primeiro Gramático Lusófono”, em *Gramática e gramatologia*, Braga, Edições APPACDM Distrital de Braga, pp. 43-61.
- Assunção & Torres (2000): Carlos Assunção e Amadeu Torres, “Introdução”, em Amadeu Torres e Carlos Assunção (eds.), *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira, Lisboa, Academia das Ciências, pp. 5-26.
- Buescu (1972): M^a Leonor Carvalhão Buescu, “Os “Grammatices rudimenta” de João de Barros”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, 4, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 93-140.
- Buescu (1983); M^a Leonor Carvalhão Buescu, *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos portugueses do Século XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Buescu (1984): Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Historiografia da língua portuguesa*, Lisboa, Livraria Sá da Costa.
- Carvalho (1986): Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar – Caetano*, Lisboa, Fundação Gulbenkian.
- Colombat (1999): Bernard Colombat, *La grammaire latine en France à la Renaissance et à l’âge classique*, Grenoble, Ellug.
- Coseriu (2000): Eugenio Coseriu, “Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira”, em “Introdução” à *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira, Amadeu Torres e Carlos Assunção (eds.), Lisboa, Academia das Ciências, pp. 29-60.
- Esparza (2000): Miguel Ángel Esparza, “La lingüística española en tiempos de Fernando de Rojas: ideas, autores, obras”, em Pilar Carrasco (ed.), *El mundo como contienda. Estudios sobre La Celestina*, Málaga, Universidad de Málaga, pp. 185-219.
- Fernandes (2002): Gonçalo Fernandes, “A primeira gramática latina escrita em Português”, *Revista Portuguesa de Humanidades*, 2, pp. 481-495.
- Fernandes (2005): Gonçalo Fernandes, “Os *Grammatices Rudimenta* (<1540) de João de Barros (1496-1562?)”, *Boletim de Estudos Clássicos*, 43, pp. 131-136.
- Fernandes (2005): Gonçalo Fernandes, “A Arte de gramática (1610) de Pedro Sánchez”, *Boletim de Estudos Clássicos*, 44, pp. 137-145.

- Fernandes (2006): Gonçalo Fernandes, "João de Barros (1496-1562?), um pedagogo precursor de Iohannis Amos Comenius (1562-1670)", em A. Roldán, R. Escavy, E. Hernández Sánchez, J. M. Hernández Terrés e M^a I. López Martínez (eds.), *Caminos Actuales de Historiografía Lingüística. Actas del V Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*, Murcia, Universidad de Murcia, t. I, pp. 561-576.
- Gil Fernández (1997): Luis Gil Fernández, *Panorama social del humanismo español (1500-1800)*, Madrid, Tecnos (2^a ed.).
- Gómez Gómez (2003): Juan M^a Gómez Gómez, "Estudio" a *Emmanuelis Aluari e Societate iesu de institutione grammatica liber secundus de octo partium orationis constructione. Estudio, edición crítica, traducción, notas e índices*, Cáceres, Universidad de Extremadura, pp. X-L.
- Gonçalves (2003): M^a Filomena Gonçalves, *As ideias ortográficas em Portugal. De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Harto Trujillo (1998): M^a Luisa Harto Trujillo, "Introducción" a *De emendata structura latini sermonis libri sex* de Tomás Linacro, Cáceres, Universidad de Extremadura, pp. 11-46.
- Iken (2002): Sebastião Iken, "Index totius artis (1599-1755): algumas reflexões sobre o índice lexicográfico latino-português da gramática de Manuel Álvares elaborado por António Velez", em Rolf Kemmler, Barbara Schäfer-Priess e Axel Schönbergen (eds.), *Estudos de história da gramaticografia e lexicografia portuguesas*, Frankfurt am Main, Domus Editoria Europaea, pp. 53-83.
- Kemmler (2001): Rolf Kemmler, "Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911", *Lusorama. Revista de Estudos sobre os Países de Língua Portuguesa*, 47-48, Frankfurt am Main, Domus Editoria Europaea, pp. 128-319.
- Maquieira Rodríguez (1989): Marina Maquieira Rodríguez, *Las ideas lingüísticas en España en el siglo XVI: fonética y gramática*, León, Universidad de León. Microficha.
- Mañas (1999): Manuel Mañas, "Aproximación a la sintaxis latina de Manuel Álvares", em A. M. Martins Melo (coord.), *Actas do I*

- Congresso Internacional – Humanismo Novilatino e Pedagogia: Gramática, Criações Maiores e Teatro*, Braga, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia – UCP, pp. 237-247.
- Medina Guerra (1998): Antonia María Medina Guerra, *Las ediciones del Vocabularium seu lexicon ecclesiasticum de Rodrigo Fernández de Santaella y Diego Jiménez Arias (1499-1798)*, Málaga, Universidad de Málaga.
- Percival (1994): W. Keith Percival, “Nebrija and the medieval grammatical tradition”, em Carmen Codoñer e J. A. González Iglesias (eds.), *Antonio de Nebrija: Edad Media y Renacimiento*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 247-257.
- Percival (2004): W. Keith Percival, *Studies in Renaissance Grammar*, Hampshire/Burlington, Ashgate.
- Ponce de León (2001): Rogelio Ponce de León, “El Álvarez en vernáculo: Las exégesis de los *De institutione grammatica libri tres* en Portugal durante el siglo XVII”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série “Línguas e Literaturas”*, 18, pp. 317-338.
- Ponce de León (2002): Rogelio Ponce de León, “O Brocense na teoria gramatical portuguesa no início do Século XVII”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série “Línguas e Literaturas”*, 19, pp. 491-520.
- Ponce de León (2002): Rogelio Ponce de León, “Textos gramaticales jesuíticos para la enseñanza del latín en Portugal: el *De constructione octo partium orationis* (Coimbra 1555), *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*, 22, 1, pp. 211-253.
- Ponce de León (2004): Rogelio Ponce de León, “El tratamiento del infinitivo flexionado en los tratados gramaticales latino-portugueses renacentistas”, *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*, 4, pp. 53-63.
- Ponce de León (2005): Rogelio Ponce de León, *Aproximación a la obra de Manuel Álvares. Edición crítica de sus De institutione grammatica libri tres*, Madrid, Universidad Complutense. CD-Rom.
- Ponce de León (2006): Rogelio Ponce de León, “Notas sobre la presencia de la gramática y de los gramáticos españoles en la gramaticografía portuguesa (siglos XVI-XVIII)”, *Romanistik in Geschichte und Gegenwart*, Hamburg, Busque, pp. 147-167.

- Ponce de León (2006): Rogelio Ponce de León, "O tratamento do infinitivo flexionado na gramaticografia portuguesa setecentista: descrição e uso", em Annette Endruschat, Rolf Kemmler e Barbara Schäfer-Priess (orgs.), *Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch*, Tübingen, Calepinus, pp. 167-198.
- Ponce de León (2006): Rogelio Ponce de León, "Consideraciones sobre las ideas sintácticas de Álvaro de Cadaval (cc. 1505-1575) en el marco de la teoría gramatical renacentista", em A. Roldán, R. Escavy, E. Hernández Sánchez, J. M. Hernández Terrés e M^a I. López Martínez (eds.), *Caminos Actuales de Historiografía Lingüística. Actas del V Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*, Murcia, Universidad de Murcia, t. II, pp. 1257-1269.
- Ponce de León (2006): Rogelio Ponce de León, "De pasiones gramaticales: en torno a las *Obieçoës contra esta grammatica, & repostas a ellas* de Amaro de Roboredo", *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 3, pp. 61-99.
- Ponce de León (2006) Rogelio Ponce de León, "A gramática na ortografia: o caso da *Ortografia da lingua portuguesa* (Lisboa 1671) de João Franco Barreto", *Lusorama. Revista de Estudos sobre os Países de Língua Portuguesa*, 65-66, Frankfurt am Main, Domus Editoria Europaea, pp. 47-63.
- Ponce de León (2006): Rogelio Ponce de León, "Un capítulo de la historia de las ideas sintácticas en Portugal: en torno a la teoría sintáctica del *Ars grammatica pro lingua lusitana addiscenda* (Lyon, 1672) de Bento Pereira (S. I.)", *Forma y función*, 19, pp. 11-30.
- Ponce de León (2008): Rogelio Ponce de León, "Fuentes españolas en la primera gramática latina de Amaro de Roboredo", em M^a Dolores Martínez Gavilán e Marina Maquieira (eds.) *España y Portugal en la tradición gramatical (Gamma-Temas, 3)*, León: Universidad de León, Centro de Estudios Metodológicos e Interdisciplinarios, 2008, pp. 239-265.
- Ponce de León (2009): Rogelio Ponce de León, "Nótulas sobre as gramáticas latinas de Amaro de Roboredo: Edições da mesma obra ou obras diferentes?", em Marta Várzeas e Belmiro Pereira (orgs.), *As Artes de Prometeu. Colóquio de Homenagem a Ana Paula Quintela*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 135-148.

- Ramajo Caño (1987): Antonio Ramajo Caño, *Las gramáticas de la lengua castellana desde Nebrija a Correas*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca.
- Ramalho (1977-1978): Américo da Costa Ramalho, "Um capítulo da História do Humanismo em Portugal: "Prologus" de Estêvão Cavaleiro", *Humanitas*, 29-30, pp. 125-151.
- Sánchez Salor (2002): Eustaquio Sánchez Salor, "Nebrija contra Pastrana en el Portugal de 1500", *Cataldo & André de Resende. Congresso Internacional do Humanismo Português*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, pp. 185-206.
- Sánchez Salor (2002): Eustaquio Sánchez Salor, *De las "elegancias" a las "causas" de la lengua: retórica y gramática del humanismo*, Alcañiz, Instituto de Estudios Humanísticos; Madrid, Ediciones del Laberinto / CSIC; Cádiz, Universidad, Servicio de Publicaciones; Zaragoza, Universidad de Zaragoza; Teruel, Instituto de Estudios Turoleses.
- Schäfer-Priess (2000): Barbara Schäfer-Priess, *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822. Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*, Tübingen, Max Niemeyer.
- Swiggers (2001): Pierre Swiggers, "Les Institutiones grammaticae Latinae de Nicolas Clénard (1538)", em W. Ax (org.), *Lateinische Grammatik und Stilistik in Renaissance und Barock*, Wiesbaden, Harrassowitz, pp. 147-168.
- Sousa (1535): Máximo de Sousa, *Institutiones tum lucide tum compendiose latinarum literarum, tradite dialogis candides ac vere piis cenobitis Sancte Crucis*, Coimbra.
- Torres (1998): Amadeu Torres, "Fernão de Oliveira, primeiro gramático da lusofonia", *Gramática e linguística. Ensaios e outros estudos*, Braga, Universidade Católica Portuguesa, pp. 73-81.
- Torres (1998): Amadeu Torres, "Humanismo inaciano e artes de Gramática: Manuel Álvares entre a "ratio" e o "usus"", em *Gramática e linguística. Ensaios e outros estudos*, Braga, Universidade Católica Portuguesa, pp. 83-102.

Verdelho (1995): Telmo Verdelho, *As origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*, Aveiro, Instituto Nacional de Investigação Científica.